

## “RELATIVO” CARÁTER REVOLUCIONÁRIO DA PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA

Paulo Henrique Schlickmann

**Palavras-chave:** Educação. Ensino. Geografia.

O presente resumo consiste na análise da prática de ensino em geografia a partir de Vigotsky (1991), Williams (2011) e Chang (2013). Os primeiros articulam o sistema educacional com a análise marxista da sociedade, o terceiro desvenda que educação por si só não garante desenvolvimento a nação. Nesse sentido, considerando minha vivência como docente, investigo a prática de ensino em geografia e seu caráter transformador na sociedade. Ou seja, lanço mão do seguinte questionamento: de acordo com a base empírica, a partir de Vigotsky, Williams e Chang, qual a influência da prática de ensino em geografia, na transformação dos contextos contraditórios da sociedade?

Observa-se, sobretudo a partir de 1990, que a crítica acadêmica e a sociedade em geral, voltaram-se para a calamidade da educação brasileira, assim, a culpa do nosso subdesenvolvimento é a precária educação do país. Daqueles anos para cá, percebe-se que não houve transformações utópicas, porém obtivemos consideráveis avanços (Lei de Diretrizes e Bases, Parâmetros Curriculares Nacionais, Estatuto da Criança e do Adolescente, Política de Reajustes Salariais, Mais Professores na Rede com especialização), além das melhorias nas estatísticas. Nota-se, no entanto, a assimilação pela crítica em geral, da máxima imposta pelos países centrais, que “a educação é chave da prosperidade” (CHANG, 2013). Nossa crise econômica perdura, a japonesa acelera e o desemprego espanhol chegou a 27,16% (MUNDO P., 2013). A explicação disso, talvez não esteja na precária educação, ou na defasada prática de ensino. Vejamos os países centrais!

A prática de ensino ganha corpo com Vygotsky (1991), quando se assume o professor como “mediador”. Para Marx a “mediação” consiste na facilitação da relação dialética entre a realidade e sua apropriação pelo conceito. Assim o professor entraria como um facilitador entre conteúdo X aluno. Hoje ganhamos status de máquina, uma vez que facebook é mais eficiente que o professor na ação “mediadora”. Para Williams (2011), a escola é uma célula da educação. A educação no interior da cultura que ajuda a compor a superestrutura da sociedade. Então, a prática de ensino na escola, figuraria num caráter subalterno no que tange a transformação da sociedade. A prática de ensino não vai revolucionar a realidade, talvez reformar o universo individual do aluno que se afeiçoar a “mediação” executada pelo professor. Assim, a proposta de Williams (2011) consiste numa prática que priorize humanização da escola e do indivíduo, e o pensamento crítico às contradições e alienações. Portanto, considero reativa a transformação pela prática de ensino de geografia. É sim, indispensável selecionar conteúdos dinâmicos, significativos, destacar contradições, questões cotidianas, problemas das paisagens e dialogar soluções a problemas complexos vividos pelos estudantes. Dessa maneira, o professor de geografia não tem poder de construir revolução, mas contribui para decifrar articulações contraditórias da sociedade. O indivíduo isolado, nas suas práticas, esbarra no trabalho passado constituído, o que relega segundo Chang (2013, p. 246) que escola e educação por si só não garantem o desenvolvimento da nação.

**Referências:**

CHANG, Ha-Joon. **23 coisas que não nos contaram sobre o capitalismo**: os maiores mitos do mundo em que vivemos. São Paulo: Cultrix, 2013.

MUNDO P. **Mais de seis milhões de desempregados na Espanha**. Disponível em:  
<http://www.publico.pt/mundo/noticia/mais-de-seis-milhoes-de-desempregados-em-espanha-1592453> Acesso em: 06/11/2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.